

GUERRA NA EUROPA: AMIGOS E INIMIGOS

Por Gabriel Camilli*



O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky em encontro com estudantes ucranianos junto com o primeiro-ministro polonês durante reunião em Kiev em 22 de janeiro de 2024 (Sergei Supinsky/AFP via Getty Images).

“Se você aceita que um estrangeiro lhe imponha a escolha do seu inimigo e lhe diga contra quem você tem o direito ou não de lutar, você deixa de ser um povo politicamente livre e passa a ser incorporado ou subordinado a outro sistema político.”

Para o geopolítico alemão Karl Haushofer (1869-1946), a geopolítica não é de direita nem de esquerda, tem como objeto de estudo as “grandes conexões vitais do homem moderno no espaço atual” e tem como objetivo “a inserção do indivíduo em seu ambiente natural e a coordenação dos fenômenos que conectam o Estado com o espaço”.

Esta disciplina visa também, e sobretudo, dotar os responsáveis pelas decisões políticas das ferramentas intelectuais necessárias a um processo eficaz de tomada de decisão e ação.

O que vemos hoje é que existe uma geopolítica chinesa, uma geopolítica russa e uma geopolítica norte-americana, mas não existe uma geopolítica europeia (ou ucraniana), uma vez que o Velho Continente está integrado ao bloco anglo-americano.

Recentemente, os ministros da Defesa da Aliança Atlântica reuniram-se em Ramstein. O investimento militar, econômico e político das potências atlânticas na guerra contra a Rússia está confirmado. A abordagem ideológica de Washington para enfrentar a concorrência estratégica com a Eurásia descentralizou o cenário

de segurança global e manipulou e influenciou os mercados, complicando a gestão das atuais crises tanto no Oriente Médio como na Ucrânia.

Diante disso, Kiev não tem outra escolha senão continuar a guerra. Zelensky reforça a postura extremista do governo, com a reorganização do seu gabinete, que foi acordada com os líderes das potências atlânticas.

De acordo com o que foi observado durante estes longos anos de guerra, podemos dizer que Washington privou os estados europeus de sua soberania e de seu direito de designar seus amigos e inimigos: *“Enquanto um povo existir na esfera política, ele próprio deverá fazer a distinção entre amigos e inimigos, reservando-se, contudo, para circunstâncias extremas, as quais serão seu único juiz. Esta é a essência da sua existência política. No momento em que lhe falta a capacidade ou a vontade de fazer esta distinção, deixa de existir politicamente. Se você aceita que um estrangeiro lhe imponha a escolha do seu inimigo e lhe diga contra quem você tem o direito ou não de lutar, você deixa de ser um povo politicamente livre e passa a ser incorporado ou subordinado a outro sistema político.”*

Se a política é a área da distinção entre amigo e inimigo (Carl Schmitt, *O Conceito do Político*), na geopolítica é a da aliança e do confronto entre Estados. A geopolítica aplicada é, acima de tudo, a gestão pela autoridade política do seu espaço, do espaço do seu povo. Proteger as fronteiras e manter fora delas, o mais longe possível, qualquer ameaça que qualquer estado, qualquer exército, qualquer organização hostil possa representar.

Do ponto de vista geopolítico e, como temos afirmado na nossa coluna, a atual guerra entre a Rússia e a OTAN na Ucrânia é o resultado da tensão entre as potências terrestres e marítimas. A guerra que a Rússia trava hoje é clássica, no sentido de que é travada onde há populações de língua russa nos territórios dos antigos impérios russo e soviético. Luta em sua zona natural de influência e não do outro lado do mundo. É muitas vezes comparável a uma guerra do século XIX, típica das potências terrestres, comparável à da Prússia, que lutou para reunir (parcialmente) as populações germânicas espalhadas por várias partes da Europa.

Para a nação russa, a Rússia também está travando uma guerra para proteger sua zona de influência geopolítica que os Estados Unidos estão invadindo através da OTAN.

A SITUAÇÃO ATUAL NO CAMPO DE BATALHA

Até hoje, conter o avanço das forças russas em Donbass é o único objetivo estratégico que Kiev pode perseguir. A chamada paz justa é uma mistificação do Ocidente; o conflito terminará com base nas relações de poder militar, como analisamos.

Moscou pretende assumir o controle de Donetsk em 2025. A captura de Donbass pelas forças de Moscou comprometeria a defesa de todo o país e desencadearia seu colapso político.

Pokrovsk, Ugledar e Kramatorsk representam o último cinturão defensivo fortificado controlado pelas forças de Kiev na região. A crise de pessoal não permite às forças armadas ucranianas defender todos os pontos proeminentes da frente. As forças de Kiev correm o risco de perder o equilíbrio. A situação geral continua crítica.

Os diferentes interesses em jogo tornam necessário promover a continuidade das hostilidades. Atacar infraestruturas e alvos militares nas profundezas do território russo, além de não mudar o destino do conflito, expõe Kiev a fortes ataques retaliatórios contra estruturas energéticas, logísticas e militares. O resultado da guerra e a consolidação da zona de influência ocidental no antigo quadrante soviético estão sendo decididos no Donbass.

O ataque a Kursk foi a última, embora de curta duração, tentativa de mudar a situação, e criou algumas ilusões...

Em menor número e desarmados, os militares ucranianos enfrentam desânimo e deserções, nos diz a CNN (Ver: [Outgunned and outnumbered, Ukraine's military is struggling with low morale and desertion](#)).

O Exército ucraniano reuniu quase todos os veículos blindados restantes e empurrou-os para o ataque em Kursk. O último punho blindado que tinha. É muito difícil e pouco provável que seja substituído, dado que os veículos blindados estão se tornando uma raridade; o que usarão as tropas ucranianas no leste para defender suas linhas?

O QUE A UCRÂNIA PODE FAZER

O que resta à Ucrânia é uma campanha partidária, uma guerra de guerrilha e atos de sabotagem terrorista contra a Rússia.

Como eu disse em meu artigo [Saboteadores y partisanos em la Guerra de Ucrania](#), de 11 de junho de 2023: *“Os drones sobre Moscou, a sabotagem das linhas de energia e abastecimento: todos estes são episódios que alimentaram muita especulação sobre o progresso da guerra na Ucrânia. Com estas ações, o conflito também foi levado ao território russo.”*

Neste contexto, as declarações dos chefes de espionagem da CIA e do MI6 publicadas no *Financial Times* demonstram isso e, apesar dos jogos de palavras e da hipérbole, a estratégia anglo-americana está em um beco sem saída. Bill Burns e Richard Moore nem conseguem explicar quais são os objetivos de Biden, apesar de admitirem que *“manter o rumo é mais vital do que nunca”*. (Ver: [Kursk Gambit: How Ukraine's ambitious attack has led it to the brink of military disaster](#)).

Burns e Moore deram a entender que as operações secretas (terroristas) de Kyrylo Budanov, chefe da inteligência militar ucraniana, são a opção que resta agora na guerra para manter a Ucrânia em ação.

É bom lembrar, como referencial teórico para esta análise, a Teoria do Partisan de Carl Schmitt, e a forma como o conflito atual pode evoluir, que nos dá algumas

características deste tipo de guerra. (Para expandir, consulte [Saboteadores y partisanos em la Guerra de Ucrania](#)).

Esclarecimento final, a levar em conta em nossos pampas... Reiteramos o parágrafo do início do artigo: *“Enquanto um povo existir na esfera política, ele próprio deverá fazer a distinção entre amigos e inimigos, reservando-se, contudo, para circunstâncias extremas, as quais serão seu único juiz. Esta é a essência da sua existência política. No momento em que lhe falta a capacidade ou a vontade de fazer esta distinção, deixa de existir politicamente. Se você aceita que um estrangeiro lhe imponha a escolha do seu inimigo e lhe diga contra quem você tem o direito ou não de lutar, você deixa de ser um povo politicamente livre e passa a ser incorporado ou subordinado a outro sistema político.”*

E como estamos em casa?

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
